

A PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO: UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA

THE PRATICE OF SELF-MEDICATION: A PUBLIC HEALTH PROBLEM

RUEDA, I. M.; OLIVEIRA, G. M.; MOMESSO, L. S.

Curso de Farmácia – Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos – Unifio/FEMM

RESUMO

A automedicação ocorre quando um medicamento é utilizado sem a prescrição ou orientação de um profissional da saúde. A falta de conhecimento pode acarretar sérios agravos à saúde como a resistência a antibióticos, interações medicamentosas e em casos mais sérios pode levar ao óbito. O uso racional de medicamentos auxilia no nosso bem-estar e como consequência aumenta os gastos com a saúde pública. Os objetivos do presente levantamento são relatar e conscientizar as pessoas sobre a prática da automedicação, bem como suas vantagens e desvantagens, impactando assim na saúde geral da população. É necessário conscientizar as pessoas que a automedicação pode acarretar danos irreversíveis à saúde das pessoas, portanto, o uso de medicamentos somente deve ocorrer sob orientação de um profissional.

Palavras-chave: Automedicação. Uso racional de medicamentos. Medicamentos. Saúde Pública.

ABSTRACT

Self-medication occurs when a drug is used without the prescription or guidance of a healthcare professional. Lack of knowledge can lead to serious health problems such as antibiotic resistance, drug interactions and in more serious cases can lead to death. Rational use of medicines helps our well-being and consequently increases public health spending. The objectives of this review are to report and to make people aware that self-medication practice has its advantages and disadvantages, thus impacting the general health of the population. It is necessary to make people aware that self-medication can cause irreversible damage to people's health, so the use of medicines should only take place under the guidance of a professional.

Keywords: Self-Medication, Rational Use of Medicines. Medicines. Public Health.

INTRODUÇÃO

A automedicação é uma prática ligada ao consumo de medicamentos, sem prescrição ou orientação médica, que engloba uma diversidade de recursos terapêuticos para o alívio de sinais e sintomas relativos a desconfortos físicos e emocionais. Independentemente do nível cultural, do contexto histórico envolvido, da situação econômica ou social do indivíduo, a automedicação é uma prática comum (CASTRO, SANTOS, RODRIGUES, 2006).

Embora possa ter um aspecto positivo relacionado ao autocuidado, a prevalência da automedicação exige uma atuação para a redução de possíveis intoxicações por medicamentos e efeitos adversos, principalmente em faixas etárias mais jovens, devido à existência de relações significativas quando se associa automedicação com álcool e drogas, e também pelas adaptações e mudanças corporais típicas da idade, as quais podem alterar os mecanismos farmacocinéticos dessas substâncias (CARVALHO et al., 2019).

Sobretudo, a automedicação pode ter alguns benefícios se os indivíduos usarem o medicamento adequadamente, como capacitar os indivíduos para se cuidarem e serem responsáveis por sua saúde e reduzir ainda mais os custos com a saúde; no entanto, isso não implica ausência de riscos (LEE et al., 2017).

Alguns dos problemas causados pela automedicação são: o aumento do erro nos diagnósticos das doenças, a utilização de dosagem insuficiente ou excessiva, o aparecimento de efeitos indesejáveis graves ou reações alérgicas (LIMA, 2007).

Atualmente, o hábito de tomar medicamentos isentos de prescrição ou sem tarja, conhecidos como medicamentos de prateleira ou “*over the counter*” e indicados para tratar pequenos males do dia a dia por um curto espaço de tempo (3 dias), é muito comum devido ao fácil acesso e ao marketing significativo na mídia (CAVALLINI, BISSON, 2010; GOLDMAN, 2000).

O uso destes medicamentos, se estendido por decisão própria, pode comprometer posteriormente o tratamento adequado de determinadas patologias, por mascarar os verdadeiros sintomas, provocando ainda o aumento do período do uso da medicação adequada (STIMMEL, 1983).

Devido aos problemas relacionados à prática da automedicação, os objetivos do presente trabalho consistem em informar e descrever sobre as vantagens e desvantagens do uso de medicamentos por conta própria.

MATERIAL E MÉTODOS

Estudo retrospectivo e descritivo com base em pesquisa das publicações dos últimos 26 anos relacionados a serviços públicos de saúde. Para tanto, foram realizadas buscas nas bases de dados Lilacs, MedLine e Pubmed, no Google Acadêmico e no acervo bibliográfico físico e digital disponível na Biblioteca do Campus do Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos (Unifio). Para a investigação foram utilizadas as palavras automedicação e self medication. Como critérios de inclusão, deu-se preferência para as publicações em língua portuguesa e que retratassem problemas relacionados à saúde pública.

DESENVOLVIMENTO

A automedicação é uma prática rotineira e comum para muitas pessoas. Os problemas surgem quando são desconhecidos os efeitos adversos provocados pelos medicamentos consumidos (RICHETTI, ALVES-FILHO, 2014).

Sabe-se que o ato da automedicação é extremamente prejudicial, pois nenhum medicamento é inofensivo à saúde. O simples uso de analgésicos pode acarretar sérias consequências, tais como reações de hipersensibilidade, dependência do medicamento e hemorragias digestivas, dentre outras (GONÇALVES et al., 2009).

Os erros mais comuns que podem desencadear reações são o uso de medicamento impróprio, dose errada, frequência inadequada, período de consumo demasiado ou insuficiente, além da combinação inadequada com outros fármacos, provocando interação indesejável (GONÇALVES et al., 2009).

O principal problema quanto aos antibióticos, sua prescrição e uso abusivo é o desenvolvimento de microrganismos potencialmente resistentes a qualquer tratamento, acarretando graves consequências ao paciente, podendo levar a óbito (SANTOS, NITRINI, 2004).

Em relação aos injetáveis, embora sejam importantes em situações, tais como a terapêutica de urgência ou na absorção da substância em sua forma ativa, também podem ocorrer sérias consequências se forem erradamente prescritos ou aplicados. Situações tais como reações anafiláticas, necroses teciduais ou infecções por deficiência de assepsia devem ser cuidadosamente avaliadas (SANTOS, NITRINI, 2004).

Segundo Oliveira et al. (2012) vários fatores podem levar as pessoas a automedicação, tais como dificuldade de acesso aos serviços de saúde: a demora ou o preço de uma consulta médica; repetição de sintomas semelhantes aos apresentados em um adoecimento anterior, em que o paciente guardou a receita médica ou se lembra dos remédios prescritos; recomendação de alguém conhecido ou balconistas de farmácia; não comercialização de doses fracionadas, exigindo que o consumidor compre doses de medicamentos além do necessário, ocasionando sobras de medicamentos, que muitas vezes irá aproveitar na repetição de sintomatologia; o papel da mídia divulgando medicamentos sem nenhuma política regulatória e induzindo as pessoas a somente procurarem auxílio médico em caso de não desaparecimento dos sintomas e o livre comércio de medicamentos nas gôndolas de farmácia, as promoções de medicamentos, passando a imagem de que medicamentos são produtos inofensivos.

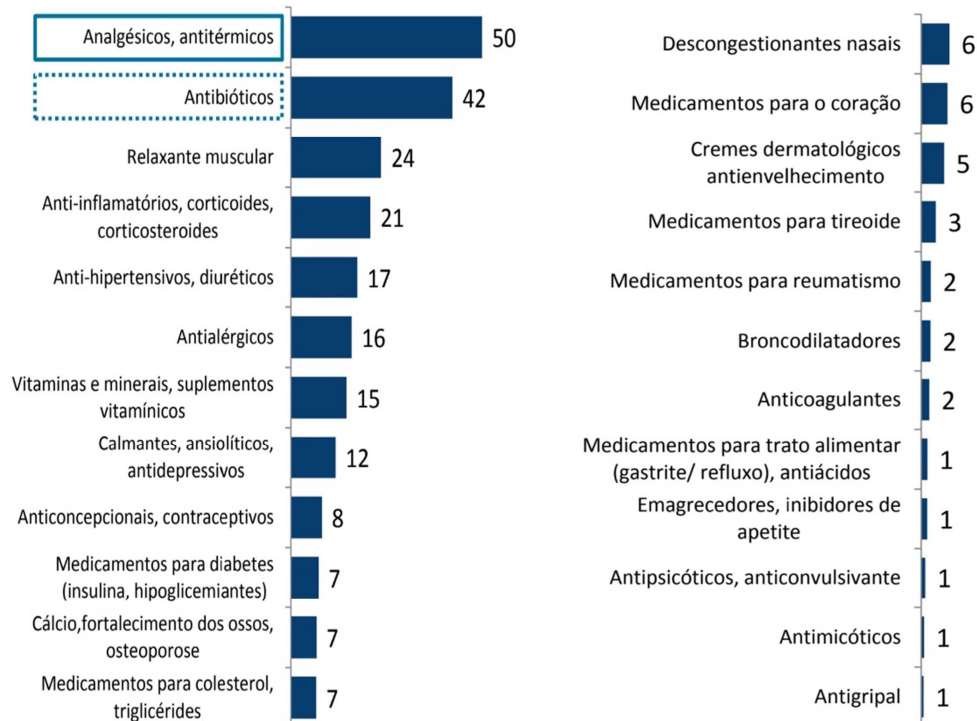
Segundo dados do Conselho Federal de Farmácia, por meio do Instituto Datafolha, constatou que a automedicação é um hábito comum a 77% dos brasileiros que fizeram uso de medicamentos nos últimos seis meses. Quase

metade (47%) se automedica pelo menos uma vez por mês, e um quarto (25%) o faz todo dia ou pelo menos uma vez por semana (CFF, 2019).

O estudo detectou ainda uma modalidade diferente de automedicação, a partir de medicamentos prescritos. Nesse caso, a pessoa passou pelo profissional da saúde, tem um diagnóstico, recebeu uma receita, mas não usa o medicamento conforme orientado, alterando a dose receitada. Esse comportamento foi relatado pela maioria dos entrevistados (57%), especialmente homens (60%) e jovens de 16 a 24 anos (69%). A principal alteração na posologia foi a redução da dose de pelo menos um dos medicamentos prescritos (37%). O principal motivo alegado foi a sensação de que “o medicamento fez mal” ou “a doença já estava controlada”. Para 17%, o motivo que justificou a atitude foi o custo do medicamento – “ele é muito caro”. (CFF, 2019)

Uma recente pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Farmácia, com um total de 2.074 pessoas entrevistadas mostra a frequência dos medicamentos mais utilizados nos últimos seis meses (CFF, 2019).

Figura 1. Classes dos medicamentos mais utilizados em automedicação.



Fonte: CFF (2019).

Em média, os entrevistados declararam ter utilizado três tipos de medicamentos nos últimos seis meses. Com base na Figura 1, os analgésicos e antitérmicos, relatados por 50% dos entrevistados, são os medicamentos mais comuns. Em segundo lugar, destaca-se o uso de antibióticos, com frequência de uso de 42%. O uso das demais classe de medicamentos apresentam frequências inferiores a 24% (CFF, 2019).

Apesar desta prática ser considerada por especialistas como importante no processo de autocuidado, pode ser potencialmente nociva à saúde individual e coletiva, pois nenhum medicamento é inofensivo ao organismo. O uso indevido de substâncias, muitas vezes consideradas banais pela população, como antimicrobianos, analgésicos e anti-inflamatórios, pode acarretar sérias consequências como a resistência bacteriana, reações de hipersensibilidade, dependência, hemorragias digestivas, sintomas de retirada, entre outros (SCHUELTER-TREVISOL et al., 2011).

Além disso, o alívio momentâneo dos sintomas pode mascarar a evolução da doença de base que em alguns casos pode progredir, causando agravamento do quadro clínico (SCHUELTER-TREVISOL et al., 2011).

Enfim, todos esses fatores levam as pessoas a consumirem, de forma consciente ou não, medicamentos de forma indiscriminada, prática que oferece vários perigos, pois esses produtos são capazes de provocar efeitos colaterais no organismo. As interações medicamentosas (combinação de medicamentos) podem anular ou potencializar o efeito da droga, e isto pode acarretar danos para a saúde.

Para diminuir o número de pessoas que se automedicam vale aconselhar a procura por profissionais que possa orientar o uso consciente, adequado e de baixo custo. Necessidades de mais palestras, campanhas, imagens em *outdoors* e demais informações para tentar conscientizar a população, mostrando-as que uma simples atitude de não só se automedicar, mas sim medicar o vizinho ou alguém da família pode acarretar sérios problemas a saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os autores reportam que uma grande parte da população se automedica, e muitas vezes não conhecem os riscos à saúde este ato pode causar, como interações medicamentosas podendo levar o paciente a óbito e o possível desenvolvimento de superbactérias (relacionada a resistência por alguns antibióticos).

Entretanto, tal ato também evita muitas vezes, o colapso do sistema público de saúde, pelo atendimento a casos transitórios ou de menor urgência. Entretanto, a auto prescrição, ou seja, o uso por conta própria de remédios contendo tarja vermelha ou preta na embalagem, e que só devem ser utilizados sob prescrição médica, é extremamente perigosa e inaceitável. O cidadão consciente, por outro lado, deve valorizar a sua saúde, e despender cuidados mesmo na ausência de enfermidades, primando por um ambiente físico, emocional, social e espiritual promotores de qualidade de vida própria e, conseqüentemente, impactando positivamente os demais seres vivos, desta e de futuras gerações, ao praticar um consumo consciente e sustentável.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, M.R.; FIGUEIREDO, I.G.A.; NASCIMENTO, D.S.; BENÍCIO, C.D.A.V.; LEAL, J.D.V.; PEREIRA, F.G.F. Automedicação em adolescentes da rede estadual de ensino na cidade de Picos/PiauÍ. **Rev. Pesqui. Cuid. Fundam. (Online)**, v.11, n.1, p.59-66, 2019.
- CASTRO, H.C., SANTOS, D.O.; RODRIGUES, C.R. Automedicação: Entendemos o risco? **Infarma**, v.18, n.9/10, p.13-17, 2006.
- CAVALLINI, M.E.; BISSON, M.P. **Farmácia Hospitalar: um enfoque em sistemas de saúde**. 2. Ed. Barueri: Manole, 2010.
- CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA (CFF). **Quase metade dos brasileiros que usaram medicamentos nos últimos seis meses se automedicou até uma vez por mês**. Brasília-DF, 24/07/2019. Disponível em: <http://www.cff.org.br/noticia.php?id=5267&titulo=Quase+metade+dos+brasileiros+que+usaram+medicamentos+nos+%C3%BAltimos+seis+meses+se+automedicou+at%C3%A9+uma+vez+por+m%C3%AAs>. Acesso em: 05 de jun 2019.
- GOLDMAN, G.M. Over the counter self-medication. **Mo Med**. v.97, n.9, p.435-436, 2000.
- GONÇALVES, D.; SANTOS, B.R.M.; GONÇALVES, M.L.; ARAGÃO, C.C.D.; GATTI, R.M.; YAVO, B. Prática de automedicação entre usuários de uma farmácia-escola. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v.7, n.22, p.23-32, 2009.
- LEE, C.H.; CHANG, F.C.; HSU, S.D.; CHI, H.Y.; HUANG, L.J.; YEH, M.K. Auto-medicação inadequada entre adolescentes e sua associação com menor conhecimento sobre medicamentos e uso de substâncias. **PLoS ONE**, v.12, n.12, p.189-199, 2017.
- LIMA, A.B.D. **Interações medicamentosas**. 5. Ed. São Paulo: SENAC, 2007. 64 p.
- OLIVEIRA, J.J.; OLIVEIRA, M.M.; TEIXEIRA, R.M.A.C.; BARATA, J.M.L. **Automedicação**. Informativo No Ponto, n. 28, 2012. Disponível em:

<<http://portal.pucminas.br/nponto/materia.php?codigo=467&fbclid=IwAR2VTsNjbZOee97ONYvO2IL-UbULPcB0FSnPbvD4uSwsWSzIKohbK8SXcQ>>. Acesso em: 03 de jun 2019.

RICHETTI, G.P.; ALVES-FILHO, J.P. Automedicação no Ensino de Química: uma proposta interdisciplinar para o Ensino Médio. **Educación Química**. v.25, n.1, p.203-209, 2014.

SANTOS, V; NITRINI, S.M.O.O. Indicadores do uso de medicamentos prescritos e de assistência ao paciente de serviços de saúde. **Revista Saúde Pública**. v.38, n.6, p.819-826, 2004.

SCHUELTER-TREVISOL, F.; TREVISOL, D.J.; JUNG, G.S.; JACOBOWSKI, B. Automedicação em universitários. **Rev. Bras. Clin. Med.**, v.9, n.6, p.414-417, 2011.

STIMMEL, G.L. Political and legal aspects of pharmacist prescribing. **American Journal of Health-System Pharmacy**. v.40, n.8, p.1343-1346, 1983.